

# TESE, ANTÍTESE E SÍNTESE

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

No discurso pronunciado em Diamantina, o Presidente da República declarou ter aprendido em sua cidade natal "que não se trata a pátria somente através de atos que a despojam de bens materiais, mas que há uma traição mais grave, bem mais merecedora de repressão e castigo, que é a de renegar-lhe as origens espirituais, destruir-lhe as crenças, desfigurando o que de mais sagrado existe, que é um ideal superior que é a Fé, pois só ela pode inspirar". Essa é a tese. Embora não tenha feito nenhuma declaração explícita, vê-se logo que o pseudônimo "ideologias exóticas" designa o comunismo, e não é difícil deduzir que o discurso do sr. Presidente é uma espécie de réplica do governo ao alvoroço publicitário provocado pelas entrevistas do sr. Luiz Carlos Prestes. Mas aqui cabe uma indagação. A quem se refere o sr. Juscelino Kubitschek quando fala em traição, e quando especifica o tipo de traição marcado pela injúria aos valores espirituais? É bem verdade que o líder comunista fez uma "rentrée" apoteótica: que as revistas ilustradas se encarniçaram, com a ferocidade inigualável dos agentes de publicidade, a saber qual delas dava mais realce, mais cartaz, mais prestígio — que é o petróleo das almas sequiosas de poder — ao personagem que representa aqui no Brasil aquelas tais ideologias exóticas. Até ouvi contar que uma dessas revistas pagou centenas de contos para ter prioridade do que chamam de cobertura. É também verdade que o rádio e a televisão foram oferecidos ao líder vermelho para tornar pública a irradiante bonomia, a efusiva gentileza com que o bem disposto sexagenário espargiu elogios por todos os quadrantes da Brasília política, sem esquecer, como convinha nesta etapa da nova boa vontade ainda mais arreganhada do que a do sr. Zarus, o quadrante esverdeado dos integralistas. Tudo isto é evidentemente inquietante. Houve tempo em que acreditei ser vantajosa para a democracia, sob o ponto de vista da psicologia coletiva, a liberdade do partido comunista. Parecia-me que o regime do arcano e da proibição seria mais fecundo para a ação comunista. Hoje, entretanto, penso de outro modo, e creio ter atribuído à psicologia coletiva de nosso tempo características de outras épocas. Hoje co-

meço a desconfiar, alarmado, que a característica principal de nossa contemporânea psicologia coletiva é a da tendência ao mimetismo e a da submissão aos valores estridentes da publicidade. Em outras palavras, receio que hoje a opinião pública, a que pesa e decide as eleições, já não se guia por valores racionais. A opinião pública, se não em sua totalidade ao menos em grande parte, se guia pelas capas das revistas, se orienta por figuras, por quadros, ou na melhor das hipóteses, por frase simples escritas em letras garrafais. E por isso assustei-me quando vi a espantosa crença dos próprios meios conservadores, isto é, dos meios que mais do que eu deveriam assustar-se com a volta de Prestes e que, ao contrário, a transformaram num triunfo jornalístico. Assustei-me, e faria minhas, com alguns retoques no estilo, as palavras pronunciadas pelo sr. Presidente da República na sua cidade natal. Anda no ar, efetivamente, um cheiro de traição ao que temos de mais sagrado. Depois do alvoroço produzido pelos satélites artificiais da Rússia, temos agora nova onda de burrice produzida pela aparição teatral do velho "robot" que em tempos idos professava claramente sua fidelidade à Rússia contra o Brasil, e que agora professa o nacionalismo. Até aqui a tese.

Agora pergunto mais uma vez: a quem se dirige o sr. Presidente da República quando fala em traição? Quem foi que realmente prestigiou a nova coluna Prestes? Quem foi que bafejou o credo exótico? Quem foi que deu a mão ao exilado, ao foragido ou ao grande esperado como dirão seus secretários se quiserem usar o vocabulário integralista? Quem foi? Foi eu? Foi a oposição? Foi o dr. Raul Pila? Foi a UDN ou o PL? Quem sabe se não foi o próprio almirante Penaboto... Mas com uma pequena fricção na memória entorpecida, esperamos que o povo brasileiro ainda se lembre do que se passou dois anos atrás.

Dois anos atrás (ou vinte no calendário Juceliniano) o partido comunista, que estava fora da lei, compareceu ostensivamente em praça pública para apoiar as candidaturas de Kubitschek e Goulart. Dizem que os autores da aproximação foram os senhores Os- mos provas da manifestação dos comunistas às candidaturas de Kubitschek e Goulart. Foi na

Praça do Congresso Eucarístico Na mesma praça em que meses antes se reuniram os católicos para adorar o Corpo de Deus, reuniam-se, para prestigiar Kubitschek e Goulart, os negadores daquilo que aqui e em Diamantina temos de mais sagrado. Nesse comício compareceram as chamadas vanguardas esclarecidas do povo com estandartes e faixas reclamando a legalidade do Partido Comunista Brasileiro. Estiveram presentes no comício os srs. João Goulart, o almirante Amarral Peixoto e sua excelentíssima esposa.

Diz o adágio que amor com amor se paga. Ao prestígio se aplica a mesma regra. Prestígio com prestígio se paga. Prestes prestigiou Juscelino. Juscelino tem de prestigiar Prestes. Há uma bela passagem de Santo Agostinho, creio que no tratado sobre os bens do casamento, onde o grande doutor ensina que não é devida a fidelidade ao cúmplice da infidelidade, pela excelente razão de ser devida, com decisiva prioridade a Deus, e aos seus mandamentos. Dentro dessa reta doutrina, é imoral o coleguismo entre os celerados, e não pode haver honra no cumprimento da desonra. Trazendo para nosso caso tais noções, diremos que o sr. Juscelino não estava obrigado, diante de Deus e dos homens de bem, a cumprir o que prometera a Prestes. A humilhação que acompanharia o ato de faltar a sua palavra seria o castigo por haver tomado um compromisso que não devia tomar, mas seria melhor, para ele não cumprir a palavra mal dada. Mas o mundo dos prestígios tem outras regras, tem outra pragmática. Além disso há a considerar a força física desencadeada pelos atos humanos e a dificuldade invencível de voltar atrás. O fato é que o pagamento não apareceu logo nos dois primeiros anos do governo. Apareceu agora. E aqui temos a anti-tese.

A síntese é o discurso de Diamantina. É bem possível que os responsáveis pelos destinos do país estejam realmente alarmados com o sucesso da vedete marxista. É bem possível que alguns ministros tenham sentido a "chair de poule" ou tenham ouvido em casa alguma sensata reflexão sobre o perigo vermelho. Uma boa e piedosa senhora, conhecida nossa, quando soube que Prestes estava solto ficou com medo de sair para a missa. É possível que esse frêmito tenha chegado a Diamantina ou até o desolado planalto onde será inaugurada a nova capital dentro de cem anos. É portanto razoável admitir que o sr. Presidente da República tenha sido sincero em seu bonito discurso sobre traições ao que temos de mais sagrado.

No primeiro momento, quando vi o movimento em torno de Prestes, ocorreu-me a idéia de que se tratava de um truque nacionalista para chatear os americanos. Um matutino da capital andou nesta pista, e até contou a história do califa que pedia emprestado trinta comunistas a um marajá e recebia dele a resposta dizendo que, infelizmente, não podia atender ao seu pedido porque só possuía sessenta agitadores marxistas, sendo essa cifra, em seu juízo, a mínima necessária para obter um empréstimo dos Estados Unidos. Francamente, pensei numa chantage para uso externo.

Depois, quando ouvi falar na lei da fidelidade e nos propósitos oficiais de repressão das doutrinas exóticas, lembrei-me do plano Cohen, e passei a pensar numa chantage para uso interno. De qualquer modo, purgante ou pomada, havia um cheiro suspeito de droga. Jornalistas mais veementes falaram em cinismo. Para não cair em excessos, e não incidir em juízo temerário, chamo isto tudo de síntese.

Mas dentro desta síntese há ainda um núcleo, um cerne, um tutano: digamos uma síntese concentrada. É a declaração de apoio dada ao sr. Kubitschek e ao sr. Alckmin pelo sr. Cardeal de São Paulo. Não consegui entender bem as razões em que se apoia o sr. Cardeal de São Paulo para elogiar o Presidente e o Ministro da Fazenda nesta altura dos acontecimentos. Não será certamente, suponho, pela alta do dólar que o prelado cumprimenta o ministro. Seja pelo que for, o que é certo é que, nesta questão, o sr. Cardeal de São Paulo está inteiramente de acordo com o sr. Luiz Carlos Prestes. E "bien malin sera" quem se gabar de estar entendendo alguma coisa nesta grande síntese.